

## LGBTQIA+FOBIA E BULLYING: PRÁTICAS OBSERVADAS EM PEQUENAS BRINCADEIRAS ENTRE ALUNOS NO COTIDIANO ESCOLAR. DE QUE MODO DEVEMOS AGIR?

ARTUR DE OLIVEIRA NETO<sup>1</sup>

MARIA DE FÁTIMA DE ANDRADE FERREIRA<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo pretende analisar o fenômeno LGBTQIA+fobia (homofobia), muitas vezes causado pelo *bullying*, pequenas brincadeiras entre alunos, muitas vezes causadora de violências no cotidiano das escolas. observando o que dizem/falam/pensam os alunos sobre esses dois fenômenos, principalmente os que se orientam na condição de homossexuais, pretende este artigo, contribuir no combate a estereótipos, preconceitos, discriminação de diversidade sexual no seu cotidiano e que também tomam consciência e para si a relevância de abordar temas como LGBTQIA+fobia na sala de aula e noutros espaços da formativos, principalmente na escola.

**Palavras-chave:** LGBTQIA+fóbica; bullying; Homossexualidade; Preconceitos; violência de gênero

### INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte teórico da pesquisa de mestrado em Ensino (UESB), que analisa a *Percepção de professores e alunos sobre violência de gênero (LGBTQIA+fobia) no Centro de Educação Profissional em Biosaúde no Sul da Bahia*.

Nele, tratamos de uma discussão sobre *LGBTQIA+fobia e bullying: práticas observadas em pequenas brincadeiras no cotidiano escolar. Como devemos agir?* com a intenção de socializar conhecimentos e destacar a importância de buscar ações, estratégias e medidas de prevenção e combate a homofobia/lgbtqia+fobia no cotidiano escolar e que permitam melhorar as condições de sociabilidades nas relações aluno x aluno e aluno x professores e equipe pedagógica da escola. Nessa perspectiva, tomamos como foco as as “brincadeiras” nas relações entre alunos na escola, pois esta é uma prática que tem provocado inquietações de pesquisadores, estudiosos do tema, pais,

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Pós-graduando, especialização em Docência no Ensino de Filosofia pela Faculdade UniBF. E-mail: artur.neto@nova.educacao.ba.gov.br.

<sup>2</sup> Pós-Doutorado em Antropologia Social e Doutorado em Educação (UFBA). Docente da UESB, do Programa de Pós-Graduação Doutorado em Ensino (RENOEN), Mestrado em Ensino (PPGEN), Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) e Pedagogia. Coordena a Rede de Pesquisa Discursos, Representações e Violência na Escola (UESB/FAPESB/CNPq).

professores e diferentes setores da sociedade civil, principalmente quando se refere às questões de gênero e suas intersecções com raça/etnia, dentre outros marcadores sociais da diferença. Pois, a homofobia não pode ser considerada uma “brincadeira” e/ou “brincadeirinhas”, assim como as piadas, os gestos e palavras constrangedores e ofensivos, que reforçam a cultura autoritária, homofóbica, machista e misógina, e tem contribuído com diversos tipos de violência, inclusive a lgbtqia+fobia que se entrelaça com racismos, machismo, misoginia, dentre outros. Mas, por que pesquisar este tema? O que tem a escola com isso?

Ocupando meu espaço social, foi possível descobrir o sentido para essa pesquisa, minha condição de pesquisar a fundo a homossexualidade e as violências encontradas nesse percurso experienciado, por mim e por todos que não escapam das violências, do preconceito, da discriminação e exclusão social. No percurso de minha vida tenho sentido gostos diversos, tornando em mim uma necessidade de querer através da realização de ações, pesquisa, movimentos cidadãos, conseguir transformar a sociedade em que vivo e convivo e, principalmente, começando pelo ambiente escolar. Assim, a justificativa da importância deste estudo surgiu a partir de alguns questionamentos, inquietações e provocações que nasceram das minhas vivências, do meu ser homossexual vivido na adolescência e juventude, com muitos medos, preconceitos, indagações religiosas, familiares e do meio no qual vivia e convivia. Por estas observações, visualizadas em atitudes, ações e ou “brincadeiras” nos ambientes escolares, enxerguei na homofobia velada, as formas sutis de preconceitos, principalmente as pequenas brincadeiras, *bullying*. Para Ribeiro (2017, p. 39), o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. Daí, “entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, “é possível fazer um debate amplo sobre um projeto de sociedade sem enfrentar o modo pelo qual certas identidades são criadas dentro da lógica colonial.” (p. 19-20)

Desta forma, a importância de planejar e realizar ações pedagógicas na escola com a intenção de proporcionar melhores condições de convivência entre os sujeitos ali pertencentes, além de pensar em pedagogias decoloniais e

multiculturais para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem escolar, deverá proporcionar ações que irão melhorar as relações de respeito à diversidade. É importante buscar a compreensão sobre a importância de agir, discutir, refletir, denunciar, prevenir e combater a homofobia e outras violências no cotidiano escolar. Daí, perguntamos neste texto: “De que modo devemos agir?”

### **PEQUENAS BRINCADEIRAS OU LGBTQIA+FOBIA E BULLYING NA ESCOLA (?) EIS A QUESTÃO...**

A homofobia/lgbtqia+fobia é crime e essa pauta vem ganhando mais espaços de pesquisas, estudos, de luta, resistência e forças de movimentos LGBTQIA+ e sociais, nos últimos anos, tanto nos espaços sociais, políticos, acadêmicos, jurídicos, dentre outros, da sociedade brasileira como em outros espaços internacionais, no mundo.

Contudo, ainda assim, a realidade das pessoas LGBTQIA+ ainda tem um longo caminho a percorrer, pois está longe de ser uma questão pacífica no Brasil e no Mundo, sendo esta uma questão comprovada pelas pesquisas e estudos que tratam da violência sofrida por essa população, que tem convivido com várias violências de gênero, dentre elas os preconceitos, estereótipos, discriminação, exclusão, consequências da LGBTQI+fobia nos espaços da escola, da família, das instituições onde trabalham, enfim, em espaços da sociedade de modo geral, sem precedentes.

A violência é um fenômeno de difícil definição e tem se constituído como uma preocupação para as sociedades humanas e, no caso da sociedade brasileira, patriarcal, autoritária, machista, misógina, as raízes da violência desempenham um papel fundamental na reprodução da economia das trocas simbólicas. A valorização do poder masculino, subestimando o feminino, estabelecendo a submissão do gênero feminino, numa relação hierárquica e preconceituosa, na qual, a natureza do patriarca é, ao mesmo tempo, de poder e autoridade.

Nesse contexto os sujeitos desejam voltar e encontrar ali seu lugar de fala, de convivências e trocas, onde os valores ali identificados, desempenharam no futuro desses jovens o marco da construção humana, um ser social. Conforme nos diz Ribeiro (2017, p. 69), o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre

esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas". Daí que "entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, "é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade" (p. 69).

Na sociedade brasileira, a escola produz e reproduz autoritarismo, misoginia, homofobia, práticas patriarcais e patrimonialistas, hierarquias, machismo. Bourdieu afirma que foi essa comunicação que indicou os caminhos para as construções sociais dos indivíduos, tanto individuais, quanto coletivas, do respeito às diversidades de pessoas e culturas existentes neste ambiente escolar (BOURDIER, 2012, p. 62). Contudo, associando violência aos gêneros, masculino e feminino, incluímos aqui os sujeitos que se definem homossexuais e transsexuais, que são acometidos de atos preconceituosos, violência física, psicológica e, muitas vezes, moral, estimulando a homofobia, que é uma aversão irreprimível, repugnante, causando medo, ódio e preconceito que algumas pessoas ou grupos como os dos homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais.

Esse fenômeno tem ocorrido com frequência em toda sociedade brasileira, sendo frequentemente registado em diversos periódicos, jornais escritos e em TVs no Brasil, na Bahia e no mundo inteiro. No tentanto, a todo momento as cenas nos fizeram refletir acerca de que sociedade estamos (re)produzindo. Assim, surgiram algumas provocações: Onde estão os Direitos Humanos? E a Constituição Federal Brasileira de 1988 – CF/88, que nos garante direitos iguais? Na CF/88, em seu Art. 5º, está garantido que: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]" (BRASIL, 1988). Diante dessa norma maior, surge a reflexão: quem está falhando no resguardo de tais Direitos? A sociedade? Os atingidos pela homofobia? A instituição policial, a justiça brasileira ou os afetados por tais brutalidades, por medo da exposição e, conseqüentemente, de mais violência? A violência contra homossexuais no Brasil não pode somente ser tipificada, mais que isso, é necessário provocar a sociedade para a discussão e tomada de consciência a respeito das diversidades de sua população, que desde sua origem

é tão multifacetada, plural.

Portanto, essa discussão deve nascer no seio das comunidades, das escolas, dos centros sociais, dos guetos, dos movimentos sociais, das instituições acolhedoras dessas minorias. As manifestações que hoje são estudadas como *bullying*, pequenas violências que vão se avolumando e tornam-se muito mais complexas e se constituem como problemas caso não se consiga reconhecê-los como violência silenciosa, emocional e psicológica e, muitas vezes, simbólicas, perversas, que são cristalizadas, naturalizadas, banalizadas pela sociedade. E, buscando encontrar uma definição de *bullying* foi possível entender que este é um fenômeno que pode ser definido como prática de atos violentos, que são intencionais e repetidos contra uma pessoa indefesa, “que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas *bullying* no contexto escolar.

De acordo com Luís Picado (2009, p. 2), “o termo *bullying*, traduzido do inglês, compreende as múltiplas formas de violência física e/ou psicológica intencionais e repetidas praticadas entre pares (*bully*) ou grupos (*bullies*), que ocorrem sem motivação evidente...” No Brasil, o *bullying*, segundo dicionário online, web, *dicio.com*, é uma “agressão violenta, verbal ou física, feita com a intenção de intimidar, ameaçar, tiranizar, oprimir, humilhar ou maltratar alguém, sendo essa pessoa alvo constante e persistente dessa agressão”. Picado ainda explica que essas são as práticas “mais comuns do ato de praticar *bullying*. Além disso, vimos que é uma violência “praticada por um ou mais indivíduos, com o objetivo de intimidar, humilhar ou agredir fisicamente a vítima” (2009, p. 4).

Borrillo (2010, p. 9) ratifica que “a homofobia é um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado”. A escola como parte da sociedade, não está imune a esse problema, produz e reproduz violências. Contudo, como explica o autor, a homofobia “pode também assumir formas mais brutais, chegando até a vontade de extermínio, como foi o caso na Alemanha Nazista” (p. 9). Além disso, “com a semelhança de qualquer forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela a interpreta e tira suas conclusões materiais” (p. 9). E a homofobia continua presente no ambiente escolar.

Contudo, a escola precisa ser um lugar de provocação, de momentos e ações para educar rumo à diversidade e à convivência respeitosa com as

diferenças. Pois, o que é visto é que a escola, apesar de ser reconhecida como espaço de sociabilidade e lugar apropriado para ensinar e educar para a cidadania, não está cumprindo a sua função primordial e, ao que tudo indica, não garante suas metas propostas pelo Projeto Político Pedagógico – PPP e não consegue ainda ser promotora de indivíduos preparados para a cidadania e o respeito ao outro, ao “diferente” e a diversidade. E a educação deve ser compreendida e desenvolvida como prática de liberdade, pois este é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. “Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade, diz bel hooks (2013). Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (hooks, 2013, p. 25). Nesse sentido, a escola poderá tornar-se um lugar de provocação, de momentos e ações para educar rumo à diversidade e à convivência respeitosa com as diferenças, pois a escola, apesar de ser reconhecida como espaço de sociabilidade e lugar apropriado para ensinar e educar para a cidadania, não está cumprindo a sua função primordial. E, ao que tudo indica, não garante suas metas propostas pelo Projeto Político Pedagógico – PPP e não consegue ainda ser promotora de indivíduos preparados para a cidadania e o respeito ao outro, ao “diferente” e a diversidade. A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. “Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade, diz bel hooks (2013). Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (HOOKS, 2013, p. 25).

Para Safiotti, (2004), é “normal e natural que os homens maltratem suas mulheres, assim como que pais e mães maltratem seus filhos, ratificando, deste modo, a pedagogia da violência.” (p. 74). Segundo a autora, a divisão dos diferentes tipos de integridade, quais sejam, a física, a sexual, a emocional, a moral, faz com que se estabeleça a “ordem social das bicadas”, na qual, a permissão social para transformar agressividade masculina em agressão contra as mulheres, não é uma ação que traz perdas apenas as vítimas, mas também, seus agressores e toda o coletivo social que é conivente, por diferentes motivos, a apoiar essa forma de submissão.

Além disso, é importante destacar que a homossexualidade é a identidade de gênero mais violentada por diversas formas de preconceitos dentro das escolas. Os homossexuais são atingidos por formas de preconceitos que afetam o emocional, o psicológico e a moral de alunos e alunas que se apresentam da melhor configuração de sexualidade que lhes convém, principalmente como se sentem melhores orientados a se reconhecerem. Em muitos momentos, para a avaliação escolar, esses sujeitos se apresentam com atitudes e ações fora dos padrões normais na escola, identificados, relacionados como desobedientes, rebeldes, violentos.

Conforme Ferrari e Almeida (2012, p. 870-871), "Refletir a partir dessa perspectiva parece colocar em circulação uma crítica às ideias e práticas que organizam a escola... como se constrói cada sujeito envolvido nesse processo, como corpos e subjetividades em relação". Sobre essa questão, entendemos que, refletir as ações de um estudante, de um indivíduo a partir somente do que se observa no fragmento de uma ação desenvolvida, e esta é identificada como insubordinação, não irá permitir que esse sujeito seja o real. Essas questões são produzidas e reproduzidas nos espaços da vida social brasileira e a escola é um deles.

Por isso, é preciso encontrar na Escola um lugar de resitência e segurança, o lugar de fala e, a partir destes encontros, possibilitar ali a condição necessária dos diálogos construtivos sobre formas de banir os estereótipos, os preconceitos e a discriminação contra a homossexualidade. As consequências destes que são as violências de gênero. Na escola, tornou-se uma necessidade socioeducacional e, assim, é preciso preparar os professores e toda a comunidade escolar para discutir, refletir e criar propostas e ações pedagógicas que permitam o exercício da cidadania, a busca de conceitos autônomos, a banir com a ignorância e o desrespeito sobre temas pertinentes à diversidade sexual e outros, que devem ser trabalhados no currículo, nas relações pedagógicas e saberes docentes.

Contudo, sabemos que, a partir de motivação como essa surgirão propostas pedagógicas potentes viabilizando a realização de projetos que visem atingir a sociedade e, principalmente, o ambiente escolar. E a tomada de consciência sobre a importância de discutir conceitos e valores que promovam a diminuição ou ausência da violência dentro e no entorno das Escolas.

Portanto, podemos concluir buscando Ribeiro (2017, p. 75) quando afirma que os “saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias”. Assim, esperamos que a escola tome essa lição para buscar condições de prevenir e combater violências de gênero na escola e, aqui, destacamos a importância de prevenir e banir a homofobia/lgbtqia+fobia do cotidiano escolar, conscientizando dessa relevância para a construção de uma sociedade cidadã, plural e que respeita a diversidade e a diferença, independente de sexo, gênero, raça/etnia, classe, religião e qualquer outro marcador social da diferença.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por tudo que foi discutido neste texto, é possível dizer que para prevenir e combater a violência é muito importante analisar as relações entre os envolvidos diretamente no convívio escolar e na relação acerca do aprender a ser, a estar com o outro – o diferente. Para isso, é preciso buscar conhecimentos sobre quais violências são percebidas entre os sujeitos durante o processo de ensino e de aprendizagem e que travam, na maioria das vezes, o processo formativo do aluno. Nesse sentido, a escola deverá buscar ações pedagógicas que possibilitem desenvolver nos sujeitos envolvidos em todos os processos da Instituição Educacional, meios que viabilizem um melhor convívio, ressaltando o respeito entre todos, o respeito entre os discentes e docentes. Desse modo, a escola poderá se constituir como lugar de empoderamento para a criança, o jovem e o adolescente que ocupa seus ambientes educacionais e contribuir com a formação de cidadãos, valorizar os princípios da ciência e de uma sociedade justa e igualitária para todos e todas que procuram seus espaços de construção do conhecimento e de desenvolvimento humano e social. Afinal, a escola deve se constituir como espaço de formação educadora, de construção de saberes e de sujeitos que serão preparados para a vida e para o mundo do trabalho. Portanto, não deve permitir atitudes negativas, preconceituosas e que gere discriminação de gênero nos seus espaços escolares. No entanto, para criar condições de aprendizagem e aprofundamento teórico sobre o tema em questão, deverá valorizar medidas que possibilitem a implementação de políticas públicas de prevenção e combate às



violências na escola, violência contra crianças, adolescentes, jovens, violência sexual, de gênero, *bullying*, enfim, todo e qualquer tipo de violência.

## REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de out. de 1988.

Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível:

[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf) Acesso em: 01 de set. 2019.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia : história e crítica de um preconceito**;[tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FERRARI, Anderson e Almeida, Marcos Adriano. **Corpo, Gênero e Sexualidade nos Registros de Indisciplina**, Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 865-885, set./dez. 2012.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: como pratica da liberdade** / bell hooks; tradução de Marcelo Brandao Cipolla. - Sao Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

PICADO, Luís. **Bullying em Contexto Escolar**, Professor Coordenador do Instituto Superior de Ciências Educativas (ISCE), Portugal. Doutor em Psicologia da Educação, [www.psicologia.pt](http://www.psicologia.pt), 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência.** / Heleieth Iara Bongiovani Saffioti.— 2ª ed.—São Paulo : Expressão Popular : Fundação Perseu Abramo, 2015.